Experiências docentes e discentes

SEMINÁRIOS AUTOPOIÉTICOS: DIÁLOGOS E PERCURSOS DE EDUCAÇÃO PERMANENTE EM SAÚDE

AUTOPOIETIC SEMINARS: DIALOGUES AND PATHWAYS OF PERMANENT EDUCATION IN HEALTH

SEMINARIOS AUTOPOIÉTICOS: DIÁLOGOS Y PERCURSOS DE EDUCACIÓN PERMANENTE EN SALUD

Fabiana Schneider Pires[1]

Graciela Soares Fonsêca[2]

Carlos Botazzo[3]

Resumo

Este artigo destaca o processo de construção de uma rede colaborativa entre trabalhadores, gestão e pesquisadores a partir de ações de Educação Permanente em Saúde (EPS). Tem o objetivo de relatar o desenvolvimento dos Seminários Autopoiéticos e tecer reflexões sobre seu potencial disparador de novas metodologias para o trabalho em saúde. Esta ação propôs rodas de conversas a partir da metodologia da problematização, trabalhando a construção de conhecimentos pela vivência de experiências significativas do cotidiano de trabalho dos participantes. Os participantes puderam repensar e rever o seu processo de trabalho, vislumbrado outras possibilidades para promover cuidado em saúde que emergiam de suas próprias críticas e reflexões, pelos exercícios da problematização, do diálogo e, consequentemente, da transformação do trabalho, preceitos básicos do movimento EPS. Os Seminários apontaram para uma autopoiese construída no e para o trabalho e estimularam novas configurações do ser e do fazer em saúde por um investimento do trabalhador em si e sobre seu processo de trabalho. Esta ação de EPS resultou em reconhecimento de si no trabalho, pois formalizou um espaço-tempo para o debate, reconhecendo fragilidades e forças e reconfigurando percursos na micropolítica cotidiano do trabalho em saúde.

Descritores: Educação Permanente. Assistência à Saúde. Profissionais de Saúde.

Abstract

This article highlights the process of building a collaborative network between workers, management and researchers from permanent health education actions. It aims to report the development of Autopoietic Seminars and to weave reflections on their potential for new methodologies for health work. This action proposed wheels of conversations from the methodology of questioning, working the construction of knowledge through the experience of meaningful experiences of the daily work of the participants. The participants were able to rethink and revise their work process, glimpsed other possibilities to promote health

[1]Cirurgiã-dentista, professora adjunta da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Professora do curso de Residência Integrada em Saúde Bucal da UFRGS. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde – Mestrado Profissional da Faculdade de Medicina da UFRGS. E-mail: fabianaspires@gmail.com

[2]Cirurgiã-dentista, professora adjunta do curso de Medicina da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Chapecó, Santa Catarina, Brasil. E-mail: gal_sf@hotmail.com

[3] Cirurgião-dentista, professor sênior da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, Brasil. E-mail: botazzo@usp.br

care that emerged from their own criticisms and reflections, by the exercises of questioning, dialogue and, consequently, the transformation of work, basic precepts of the movement of permanent education in health (PEH). The Seminars pointed to an autopoiesis built in and for work and stimulated new configurations of being and doing in health by an investment of the worker itself and about its work process. This action of PEH resulted in recognition of itself at work, because it formalized a space-time for the debate, recognizing weaknesses and forces and reconfiguring pathways in the daily micropolitics of work in health.
Key Words: Education, Continuing. Delivery of Health Care. Health Personnel.

Resumén

Este artículo destaca el proceso de construcción de una red colaborativa entre trabajadores, gestión e investigadores a partir de acciones de Educación Permanente en Salud. Tiene el objetivo de relatar el desarrollo de los Seminarios Autopoiéticos y tejer reflexiones sobre su potencial disparador de nuevas metodologías para el trabajo en salud. Esta acción propuso ruedas de conversaciones a partir de la metodología de la problematización, trabajando la construcción de conocimientos por la vivencia de experiencias significativas del cotidiano de trabajo de los participantes. Los participantes pudieron repensar y revisar su proceso de trabajo, vislumbrado otras posibilidades para promover cuidado en salud que emergían de sus propias críticas y reflexiones, por los ejercicios de la problematización, del diálogo y, consecuentemente, de la transformación del trabajo, preceptos básicos del movimiento de la educación permanente en salud. Los seminarios apuntaron a una autopoiese ía construida en el trabajo y estimularon nuevas configuraciones del ser y del hacer en salud por una inversión del trabajador en sí y sobre su proceso de trabajo. Esta acción de EPS resultó en reconocimiento de sí en el trabajo, pues formalizó un espacio-tiempo para el debate, reconociendo fragilidades y fuerzas y reconfigurando recorridos en la micropolítica cotidiana del trabajo en salud.
Palabras clave: Educación Continua. Asistencia a la Salud. Profesionales de salud.

Introdução

No ano de 2014, o coletivo de pesquisadores do Projeto de Pesquisa "Inovação na Produção do Cuidado em Saúde Bucal: possibilidades de uma nova abordagem na clínica odontológica para o Sistema Único de Saúde" (FAPESP: 2013/1166-82; CNPq: 403153/2012-3; CAEE: 34238414.0.0000.0075) – Projeto Inovação – conduziu uma série de sessões temáticas com a participação de cirurgiões-dentistas de todas as regiões de saúde do estado de São Paulo, incluindo Consórcios e Redes. Essa ação se chamou: "Seminários Autopoiéticos: duas ou três coisas que eu sei sobre a produção do cuidado em saúde".

Partiu-se da premissa de que um encontro em saúde deva ser pedagógico e pautado por uma didática que destaque processos de escutar-tratar-cuidar. A Educação Permanente em Saúde (EPS) representa uma estratégia indispensável para a transformação do trabalho em saúde, no sentido de torná-lo crítico, reflexivo, propositivo, compromissado e tecnicamente competente (CECCIM, 2005; UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2015).

Ao compreender a educação 'no' e 'para o' trabalho como pressuposto da proposta da EPS, a experiência dos seminários desenvolvidos buscou extrair e construir, ao mesmo tempo, cenários de produção pedagógica a partir de encontros dialógicos e criativos entre os trabalhadores participantes.

Desta forma, integrando serviços de saúde e pesquisa, a participação nos Seminários Autopoiéticos destacou as potencialidades e dificuldades a partir da realidade de cada participante, para: I - construir novos percursos para a produção do cuidado e II - promover ampla articulação com

troca de experiências entre pesquisadores e equipes de saúde bucal dos Departamentos e Regiões de Regiões de Saúde do estado de São Paulo.

A Política Nacional de EPS (BRASIL, 2007) destaca a necessidade do desenvolvimento de práticas baseadas na aprendizagem significativa, elaborada de acordo com a problematização do cotidiano dos serviços de saúde com o intuito primordial de modificá-las. A EPS configura-se, assim, como um processo formativo que se desdobra no próprio trabalho, a partir das problemáticas reais, nos territórios e no cotidiano dos serviços, como possibilidade de formação e resolução dos problemas encontrados.

Ao propor uma reordenação para a formação dos trabalhadores, visando continuamente consolidar o Sistema Único de Saúde (SUS), ações de EPS colocam o trabalho em análise e estimulam a utilização de uma 'pedagogia em ato', com potencial para gerar mudanças nas práticas de atenção, gestão e participação (SCHWEICKARDT et al., 2015).

As ações com trabalhadores desenvolvidas pelo projeto apontaram claramente a necessidade de se estabelecer um espaço-tempo para discussões sobre o trabalho com os profissionais da saúde. A iniciativa da organização dos Seminários, caracterizados como ações de EPS, possibilitou o retorno devido para aqueles que compartilharam suas práticas em saúde.

A partir das discussões sobre os resultados e produtos da pesquisa realizada (BOTAZZO, 2015), uma aproximação inicial com os serviços de saúde do estado de São Paulo tomou fôlego e possibilitou a organização conjunta do coletivo de pesquisadores envolvidos no projeto com a Coordenadoria de Planejamento de Saúde da Secretaria Estadual de Saúde de São Paulo (CPS/SES – SP), o que viabilizou a realização dos Seminários.

Este texto não busca explorar em análises os produtos ou inovações que surgiram destes Seminários e que retornaram aos serviços de saúde, mas sim, destacar o processo de construção de uma rede colaborativa entre os trabalhadores envolvidos, a gestão e os pesquisadores, a partir de resultados de pesquisa obtidos.

Destaca-se que o objetivo do presente artigo é relatar o desenvolvimento dos Seminários Autopoiéticos e os desdobramentos desses encontros, compreendidos como disparadores de reflexões e de novas pedagogias e metodologias para o trabalho em saúde, tendo em vista a concepção dos serviços de saúde como produtores de tecnologias de cuidado no cotidiano de suas práticas.

Metodologia

Os seminários aconteceram na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP – USP) em cinco encontros, com aproximadamente 70 participantes em cada sessão, reunindo representantes de todas as regiões de saúde de São Paulo. Tais encontros ocorreram de maio a outubro de 2014 e tiveram 40 horas de carga horária total. As sessões foram divididas por temáticas e

atividades com seis horas de duração. Por se tratar de uma ação de extensão em parceria com a Secretaria Estadual de Saúde, os municípios recebiam a programação do Seminário e procediam a inscrição dos servidores, por vezes em todas as sessões ou em uma, dependendo do interesse do participante pelos temas abordados ou a conveniência da agenda para a gestão estadual e/ou municipal.

Organizou-se, em um primeiro momento, rodas de conversas sobre o cuidado em saúde com um 'expert' que explanava um tema disparador e, a partir desse tema, os participantes eram convidados a problematizar e dialogar sobre seus cotidianos de trabalho em grupos menores, expondo ao coletivo. Ao final de cada sessão, o caminho percorrido pelo grupo, os problemas debatidos e as possibilidades de gestão ou de processo de trabalho inovadores que surgissem.

O principal objetivo desses encontros foi promover uma ambiência de reflexão sobre a prática em saúde bucal no cotidiano dos serviços de saúde aos quais os participantes estavam vinculados. O desafio proposto ao grupo foi trazer para o centro da discussão, em pequenos grupos, novos olhares sobre o processo de trabalho, abrindo espaços de fala e escuta, recriando um espaço colaborativo no qual o foco da atenção foi o olhar para si e para a própria produção na saúde.

Utilizou-se como método a problematização (BORDENAVE; PEREIRA, 2002), trabalhando uma construção de conhecimentos a partir da vivência de experiências significativas do cotidiano de trabalho em saúde dos participantes, exploradas nas sessões dos seminários.

Compreendeu-se que para ser significativo o conteúdo dos Seminários devia-se relacionar a conhecimentos prévios dos participantes, exigindo desses uma atitude favorável capaz de atribuir significado próprio aos conteúdos assimilados, e da equipe de pesquisadores/ativadores, uma tarefa mobilizadora.

Resultados e discussão

Os Seminários Autopoiéticos foram organizados de modo a permitir e induzir a problematização das práticas experienciadas pelos sujeitos participantes. Os encontros seguiram uma organização dialógica, em que os envolvidos puderam conversar de modo livre, sem regras ou amarras, entre si e com o coletivo de pesquisadores envolvidos com o Projeto Inovação.

Compreendendo a necessidade de discutir com a rede de saúde bucal do estado de São Paulo os resultados do estudo (lócus das ações do projeto) e acreditando no potencial da inovação proposta, o coletivo de pesquisa vinculado ao Projeto Inovação no município de São Paulo (Inova Sampa) mobilizou-se para viabilizar 'diálogos problematizadores' com os atores da rede estadual de saúde bucal. Ao incentivar o debate e a reflexão crítica sobre suas práticas, essas atividades buscavam estimular a produção de si no trabalho, tendo como pano de fundo as possíveis mudanças nos processos de produção do cuidado em saúde bucal.

Utilizando-se da metodologia de problematização (BORDENAVE; PEREIRA, 2002) a partir de problemas extraídos da realidade pela observação realizada pelos participantes, os questionamentos (por exemplo: o que acontece na sua prática de cuidado em saúde?) puderam gerar novas informações, mediante processos de análise e síntese, formulados pela observação da realidade de cada participante com todas as suas contradições.

A denominação Seminários Autopoiéticos surgiu na concepção da proposta e trouxe consigo a intenção de estimular e organizar espaços coletivos e colaborativos nos quais seus integrantes produzissem, a partir de suas reflexões, processos singulares de recriação do seu trabalho em saúde, como resultante deste olhar para si no mundo do trabalho, para a rede que cada um constitui ao constituir-se como trabalhador da saúde.

Buscou-se aporte teórico nos autores Maturana e Varella (1997) para o entendimento das organizações e sistemas vivos – por vezes chamado de novo pensamento sistêmico – para delinear esta proposta de EPS. Segundo os autores, as relações entre os componentes de um sistema vivo são relações de produção e existem como processos, mas não é o "fluxo de matéria ou fluxo de energia, nem nenhum componente particular com propriedades especiais, o que de fato faz e define o ser vivo como tal" (MATURANA; VARELA, 1997, p. 15).

A definição de um ser como vivo implica ter uma ideia, ainda que implícita, de sua organização e pressupõe que exista algo em comum entre o que é considerado vivo. Esse algo em comum que há entre os considerados seres vivos é a capacidade de, literalmente, produzirem-se continuamente a si mesmos, o que Maturana e Varela (1997) chamam de organização autopoiética. Compreende-se que a autopoiese, caracterizada pela autonomia e circularidade autorreferencial dos processos, é a maneira particular como os componentes de uma máquina vivente operam e o que faz dela um ser vivo (GUÉRON, 2012). O trecho a seguir, de certa forma, traz uma síntese desse pensamento:

> Por sistema vivo entende-se aquele que, mantendo sua organização distinta por um observador (identidade sistêmica), realiza câmbios em sua estrutura (elementos constituintes) no processo de produção de si mesmo (autopoiese). Por serem abertos ao fluxo de matéria e energia, os sistemas autopoiéticos realizam seus câmbios estruturais a partir de interações com outros sistemas, ou acoplamentos estruturais (DAL MOLIN; FONSECA, 2008, p. 100).

Sendo assim, este artigo não tem a pretensão de discutir elementos da história do pensamento sistêmico, até chegar-se ao conceito de sistema autopoiético, mas de apoiar-se nesse entendimento para discutir as ações em saúde com os trabalhadores em saúde.

O desenvolvimento das sessões estimulava novas possibilidades de acesso a outras formas e outras versões das próprias formas de trabalho de cada um, como um exercício em seu processo mesmo.

Pode-se afirmar que a problematização como método dos Seminários possibilitou que se trilhasse um itinerário significativo, potente como espaço para refletir sobre os próprios problemas, com vistas a encontrar soluções e/ou alternativas em um processo educativo que ocorreu no trabalho (CARVALHO et al., 2011; SILVA; PEDUZZI, 2011). De maneira distinta dos usuais cursos que oportunizam mais acesso à informação, esta ação de EPS permitiu a reflexão sobre as situações do cotidiano viabilizando o comprometimento dos trabalhadores com a resolução dos nós críticos do trabalho.

Desse modo, os seminários evidenciaram que aprender e ensinar se incorporam ao cotidiano do trabalho em que ambos são configurados como "processos vivos, produtores de relações, ativadores de práticas de pensamento, interrogadores do dia a dia" (SCHWEICKARDT et al., 2015, p. 76).

O potencial da problematização da experiência encontra-se na reflexão que se faz sobre o vivido (FEUERWERKER, 2012), como um processo que privilegia a troca de conhecimentos, de saberes e de experiências em um contexto social compartilhado. Esta forma de perceber e desenvolver a atividade funda-se na premissa de que todos têm um saber apriorístico que, ao estabelecerem uma relação dialógica e educativa, direcionam seus conhecimentos para uma convergência: a mudança individual e coletiva e assim uma transformação da realidade de maneira crítica e criativa (BORDENAVE; PEREIRA, 2002).

Além disso, ao participar da proposta dos seminários, os trabalhadores reforçaram o conhecimento de que as relações que se estabelecem no cotidiano das práticas em saúde geram um campo fértil para a problematização, configurando o trabalho como local concreto de discussão, análise e reflexão das práticas (PINHEIRO; CECCIM, 2011).

As concepções pedagógicas transformadoras apostam na construção da aprendizagem significativa pautada na problematização das práticas, na autonomia dos sujeitos, horizontalizando relações com vistas a estabelecer relações de descobertas e construções. São modos de ver e fazer a saúde muito próximos ao vivido no cotidiano dos serviços de saúde e operam nos trabalhadores o que seus potencias críticos e reflexivos têm de melhor: o capital social e pessoal de produção de cuidado em saúde (CECCIM, 2005; FARIA, 2008; MITRE et al., 2008).

Para além de possíveis produtos ou processos de trabalho que tenham sido desenvolvidos pelos participantes em seus locais de trabalho, o resultado da experiência pode ser avaliado pelo potencial criativo e transformador, pela assunção dos sujeitos envolvidos. A experiência pode ser analisada a partir da:

> educação em saúde e trabalho em saúde, na qual é impossível haver separação de termos. Um produz o outro. Com efeitos fundamentais tanto para a construção da competência do trabalhador, quanto para a expressão de seu lugar enquanto sujeito ético-político produtor de

> cuidado, que impacta o modo de viver de um outro, material e subjetivamente constituído (o usuário, individual e/ou coletivo) (MERHY, 2005, p. 172).

Ao final de cada sessão, os participantes foram estimulados a avaliar criticamente a atividade de forma voluntária e escrita. Nos textos, foram recorrentes os termos: “prazeroso”, “enriquecedor”, “produtivo”, “partilha”, dentre outras. Além disso, o espaço dos Seminários Autopoiéticos foi adjetivado como “refúgio” e “fuga” do aprisionamento dos serviços, permitindo a reflexão sobre a prática que, muitas vezes, é reproduzida acriticamente devido à “captura” dos sujeitos trabalhadores no cotidiano.

Compreende-se que o potencial para explorar respostas às necessidades de saúde da população, a busca pela qualidade na produção do cuidado e no fortalecimento do SUS foram propulsores do engajamento dos trabalhadores nas atividades, permitindo vivências de pertencimento e reconfigurando o trabalho como espaço de problematização, diálogo e reflexão.

Os participantes expressaram seu bem-estar e sintonia com a proposta por descobrirem-se como possíveis construtores de mudanças e transformações na perspectiva da integralidade e nas relações, nos processos, nos atos de saúde.

Ao libertar-se dessas amarras no encontro dos ’pares’ em um ambiente distinto, os participantes puderam repensar e rever o seu processo de trabalho, enxergando as possibilidades para promover um cuidado em saúde pautado por uma inovação, que poderia emergir de suas próprias críticas e reflexões, pelos exercícios da problematização, do diálogo e, consequentemente, da transformação das diversas realidades de trabalho, preceitos básicos do movimento de EPS.

Entende-se que a autopoiese deste processo está nas novas configurações no e para o trabalho que emergem do processo de falas e escutas dos participantes no grupo. A ação de EPS resultou em reconhecimento de si no trabalho, pois formalizou um espaço-tempo para o debate entre os pares, reconhecendo fragilidades e forças e reconfigurando ou ajustando percursos na micropolítica cotidiano do trabalho em saúde.

Como organismo ou sistema vivo, os trabalhadores participantes olham para o seu processo de trabalho, para a rede de atenção que saúde que formam e a reconstroem a partir do entendimento de serem constituintes desta trama. O processo de trabalho passa a ser reconhecido por sua organicidade e plasticidade ao ultrapassar protocolos (clínicos) e revestir-se ou desnudar-se em uma produção de si no trabalho.

A inovação proposta pelo coletivo do Projeto Inovação encontrou eco nas falas e posturas dos participantes das sessões e grupo dos Seminários Autopoiéticos. Ao ofertar espaço aberto para discussões, aproximando tanto os resultados da pesquisa quanto concepções teóricas aos grupos de trabalhadores da saúde, criou um ambiente de pertencimento, descoberta e crítica entre os participantes das sessões. Foi notória uma profusa troca de experiências sobre as práticas em saúde

nos locais envolvidos e a concreta possibilidade apresentada pelos pesquisadores e pelos participantes de se constituir práticas de uma clínica ampliada de saúde bucal nos serviços do SUS, bem como uma nova abordagem pedagógica para a integração ensino-serviço.

As discussões deste coletivo no âmbito dos Seminários integrados, abrangendo trabalhadores e gestores do SUS, pesquisadores e docentes da graduação e pós-graduação permitem destacar a importância das ações de EPS na formação dos trabalhadores. A experiência apontou para a potência que tem a aproximação dos trabalhadores com outras realidades (na mesma região de saúde ou em locais distantes) na direção de reprocessar seus fazeres e saberes. Os encontros estimulavam uma produção colaborativa e por vezes identitária, movendo os trabalhadores do isolamento da clínica para lançá-los no desafio de coproduzir o cuidado, redimensionar protocolos de atenção à saúde, perceber-se no espaço micropolítico do trabalho e assumir o papel de cogestão no trabalho nas Unidades de Saúde.

Por vezes, acreditou-se que o investimento do coletivo de pesquisadores na proposta dos seminários seria frustrado, pois solicitava uma contrapartida institucional (liberação dos trabalhadores para a participação, recursos financeiros para o deslocamento destes desde seus municípios até as dependências da Universidade). No entanto, a adesão dos trabalhadores à proposta foi imediata e expressiva, pois a cada encontro o número de participantes era maior.

A questão que se desponta desta análise é o quanto estes espaços são pouco estimulados ou fomentados nas práticas de saúde. Além disso, há um número expressivo de pesquisas realizadas nos serviços de saúde, tendo-os como cenário, porém, por vezes, sem uma devolução de resultados que tenha força para catalisar mudanças responsáveis no cuidado em saúde, inequivocamente, orientadas para as necessidades da população e para os processos de trabalho.

Assim, a autopoiese pretendida na organização das sessões temáticas e a metodologia de trabalho para os grupos com coproduções, mostraram-se geradoras de afetos, de assujeitamento e de empoderamento dos trabalhadores sobre seus percursos, suas relações de trabalho com o outro e na rede de saúde.

Acredita-se que as ações de EPS devam ser potentes para gerar no trabalhador e, sobretudo, no seu cotidiano de produção do cuidado, transformações da prática. Como em um movimento circular, constitui-se no trabalhador uma capacidade de problematizar a si mesmo no agir, pela geração de problematizações no trabalho.

Considerações finais

O desafio de mobilizar coletivos de trabalhadores da saúde com questões problematizadoras e disparadoras de novos fazeres nesta ação de EPS foi dual, pois trouxe aos participantes momentos distintos de estranhamento e de identidade. Buscar no trabalhador respostas para os problemas que

surgem no cotidiano do trabalho em saúde é deslocar ou mesmo inverter a lógica da educação continuada, tradicionalmente ancorada em palestras, capacitações ou transmissão vertical de conhecimento.

Compreende-se que as ações de EPS expressam um investimento do trabalhador sobre seu processo de trabalho. São movimentos desejáveis para a cogestão em saúde, assim como podem potencializar encontros e identidades no fortalecimento de redes de atenção. Esta experiência mostrou quão premente são os espaços de debate, trocas, falas e escutas para os trabalhadores da saúde.

Outro ponto de destaque desta experiência foi a aproximação dos resultados de uma pesquisa que se deu nos serviços de saúde com o desenvolvimento, em parceria com a gestão estadual, de um produto tangível aos trabalhadores.

A experiência suscita o desenvolvimento de pesquisas para qualificar as inovações e produtos que decorrem de ações de EPS como esta, visto que expressam um movimento que não se esgota em si. Por sua potencialidade de inovação, o processo estimulado pelos Seminários Autopoiéticos permitiu captar fluxos de conexão entre os sujeitos nas cenas do trabalho, nas quais a ação de alguns pode/deve complementar a ação de outros e vice-versa, no cotidiano do trabalho e na constituição de redes de atenção para a gestão do cuidado em saúde.

É no emaranhado da produção do trabalho e do cuidado, de saberes, fazeres, subjetividades e singularidades que se constitui o trabalhador de saúde. Cabe a todos promover, estimular e discutir estes processos, superando as barreiras e dificuldades inerentes aos movimentos flutuantes de descobertas e construções que perpassam o campo da saúde e do trabalho.

Referências

BORDENAVE, J. D.; PEREIRA, A. M. **Estratégias de ensino-aprendizagem**. 24. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2002.

BOTAZZO, C. et al. **Inovação na produção do cuidado em saúde bucal**: possibilidades de uma nova abordagem na clínica odontológica para o Sistema Único de Saúde. Relatório Técnico. São Paulo, 2015.

BRASIL. **Portaria GM/MS no 1.996, de 20 de agosto de 2007**. Dispõe sobre as diretrizes para a implementação da Política Nacional de Educação Permanente em Saúde. Brasília, 2007. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/Portaria_N_1996_GMMS.pdf. Acesso em: 29 out. 2018.

CARVALHO, B. G. Percepção dos médicos sobre o curso facilitadores de Educação Permanente em Saúde. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 1, p. 132-141, 2011.

CECCIM, R. B. Educação Permanente em Saúde: desafio ambicioso e necessário. **Interface Comunic., Saúde, Educ.,** Botucatu, v. 9, n. 16, p. 161-177, set. 2004/fev. 2005.

DAL MOLIN, F.; FONSECA, T. M. G. Autopoiese e Sociedade: a posição estratégica do desejo na gestão de uma rede social. **Psico (Porto Alegre),** Porto Alegre, v. 39, n. 1, p. 100-106, 2008.

FARIA, R. M. B. **Institucionalização da política de educação permanente para o Sistema Único de Saúde:** Brasil, 1997-2006. 2008. [Tese]. São Paulo: Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, 2008.

FEUERWERKER, L. M. M. **Micropolítica e saúde:** produção do cuidado, gestão e formação [Tese de livre-docência]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Saúde Pública, 2012.

GUÉRON. R. Filosofia Política de Deleuze e Guattari: as relações com Marx. **Revista Lugar Comum.**, Rio de Janeiro, v. 37-38, p. 157-172, 2012.

MATURANA, H.; VARELA, F. **De máquinas e seres vivo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MERHY, E. E. O desafio que a educação permanente tem em si: a pedagogia da implicação. **Interface Comun. Saúde Educ.**, Botucatu, v. 9, n. 16, p. 172-174, 2005.

MITRE, S. M. et al. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais. **Ciênc. Saúde Colet.**, Rio de Janeiro, v. 13, supl. 2, p. 2133-2144, 2008.

PINHEIRO, R.; CECCIM, R. B. Experienciação, formação, cuidado e conhecimento em saúde: articulando concepções, percepções e sensações para efetivar o ensino da integralidade. In: PINHEIRO, R.; CECCIM, R. B.; MATTOS, R. A. (Edit.). **Ensinar saúde:** a integralidade e o SUS nos cursos de graduação na área da saúde. Rio de Janeiro: CEPESC: IMS/UFRJ: ABRASCO, 2011. p. 13-35.

SCHWEICKARDT, J. C. et al. Educação permanente me saúde: desenvolvimento do trabalho e de trabalhadores no âmbito do sistema único de saúde. In: SCHWEICKARDT, J. C. et al. (Org.). **Educação permanente em gestão regionalizada da saúde:** saberes e fazeres no território do Amazonas. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2015. p. 55-86.

SILVA, J. A. M.; PEDUZZI, M. Educação no Trabalho na Atenção Primária à Saúde: interfaces entre a educação permanente em saúde e o agir comunicativo. **Saúde Soc.**, São Paulo, v. 20, n. 4, p.1018-1032, 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Docência na saúde:** uma proposta didático-pedagógica. Brasília, DF: UFRGS/MS, 2015. 297p.